



CIBERCULTURA NA UNIVERSIDADE: POTENCIALIDADES E DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Ana Paula Simões Pessoa – UEMS/Brasil
anapaulasimoesz@gmail.com¹

Maria Cristina Lima Paniago – UCDB/Brasil
cristina@ucdb.br²

Eixo 3 - Tecnologias, mídias e processos inovadores na EaD

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as potencialidades e os desafios da cibercultura pela perspectiva dos alunos dos cursos de licenciaturas de uma universidade privada. Para isso, é apresentada uma pesquisa bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa, integrada ao Grupo de estudos e Pesquisas em Tecnologia Educacional e Educação à Distância (GETED), o qual vem desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado Cultura Digital em uma Universidade Intercultural: Relações entre tecnologias, professores e alunos. Os resultados alcançados apontam que a cultura digital nesse contexto ainda é pouco explorada pelos discentes, visto que eles utilizam o computador e a internet em casa para realizar atividades voltadas à universidade, tais como, fazer pesquisa ou projetos, por exemplo. Entretanto, observa-se que há uma abertura às tecnologias voltadas ao contexto educacional, visto que existe vontade por ambos os participantes de ver a tecnologia não apenas como ferramenta, mas também como um meio de ensino e aprendizagem de produção de cultura.

Palavras-chave: Cibercultura; Licenciaturas; Alunos;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o contexto da cibercultura dos cursos de licenciaturas de uma universidade privada. Buscamos analisar que cultura digital é estabelecida

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: anapaulasimoesz@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: cristina@ucdb.br



nos contextos diferenciados da universidade. Para caracterizá-la e compreendê-la identificamos o perfil de seus participantes e que tecnologias fazem parte da vida do grupo.

Em relação ao perfil dos participantes, vale salientar que utilizamos as categorias de auto declaração apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2000), isto é, Cor Branca (descendentes de europeus/ocidentais), Cor Preta (descendentes africanos/afro-brasileiros), Cor Parda (descendentes de indivíduos de cor/etnias diferentes), Cor Amarela (descendentes de asiáticos/orientais) e Raça/Etnia Indígena (descendentes de índios), não com a intenção de segregação, mas sim como critério para identificar o perfil dos respondentes, visto que a proposta inicial do projeto no qual este trabalho está vinculado é justamente entender a diferença como algo positivo para compreender o fenômeno da Interculturalidade.

Para atingir tal objetivo, optamos por uma pesquisa qualitativa que tem como características dados descritivos, inserção direta do pesquisador no ambiente pesquisado, sempre considerando a perspectiva dos participantes, com foco no processo e não no produto, valorizando o ambiente natural que oferece os dados e o pesquisador como principais instrumentos de investigação. A proposta inicial de produção de dados era por meio de questionários, entrevistas e narrativas. Entretanto, devido ao atraso da coleta de dados, esse trabalho apresentará apenas o estudo feito pelos questionários, conforme detalhado na seção da metodologia.

O trabalho organiza-se em quatro partes: discussão teórica sobre cibercultura e interatividade; metodologia, cujo modo como a pesquisa foi construída encontra-se detalhado; análise e resultados, com a descrição das conclusões obtidas por meio dos dados; e considerações finais, com o fechamento e conclusões a respeito do tema desta pesquisa.

1. CIBERCULTURA: CONCEITOS E PERSPECIVAS



A presente proposta surge no quadro da área de tecnologias na educação e, em particular, no que se refere à cultura digital, as quais estabelecem um forte vínculo e, caracterizam-se como um espaço aberto e transversal, que perpassa diversos contextos.

Temos como pressuposto que as tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundamentais das transformações que estamos vivenciando no contexto escolar. Ou seja, a apropriação e a incorporação dessas tecnologias não podem se dar, como sugere Pretto e Silveira (2008), meramente como ferramentas complementares, animadoras dos tradicionais processos de ensinar e de aprender, sendo fundamental explorar

as possibilidades fornecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), fazendo delas mais que um recurso para o processo de ensino e aprendizagem, mais também meio de formação e aprofundamento de conhecimentos, de reflexão e de desenvolvimento profissional contínuo. (PESSOA, 2016, p. 2)

Segundo Kozinets (1998), a cibercultura é um novo e importante locus de atividade cultural humana e pode ser conceituada como padrões de comportamento compartilhados expressos por meio de comunicações mediadas por computador.

Este locus, que também pode ser chamado de ciberespaço, onde múltiplas formas de socialização de indivíduos *online* se concretizam, pode propiciar relações intra e interpessoais mediadas pelos recursos da cibercultura. Para Lévy (1999, p. 17), a cibercultura é "[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço".

No contexto da cibercultura, começamos a experienciar existências diferenciadas de linguagem, de culturas, de diálogos, de ser e de viver, vinculadas à ubiquidade e à acessibilidade. Entretanto, Lemos (2002), aponta alguns problemas relacionados à própria definição de cibercultura. Segundo o autor, além do termo possuir diferentes sentidos, ele se utiliza do prefixo ciber, o que pode denotar certo determinismo tecnológico, costume de se nomear as épocas históricas a partir de seus respectivos artefatos. Por outro lado, também podemos viver um determinismo social, quando, por exemplo, vivemos a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais, como em transações bancária, voto eletrônico e outras mais. O importante seria escapar de tal determinismo e entendermos que a

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



cibercultura (LEMOS, 2002) representa a cultura contemporânea e é consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

Lemos (2002) sugere algumas leis da cibercultura, as quais poderiam ser úteis para a compreensão desta sociedade contemporânea. A primeira seria a reconfiguração de espaços, práticas e modalidades midiáticas sem a substituição de seus antecedentes. A segunda seria a liberação do polo da emissão, das diversas manifestações socioculturais, vozes e discursos reprimidos. A terceira seria a conectividade em que se põe em contato direto homens e homens, homens e máquinas e máquinas e máquinas, trocando informações de forma autônoma e independente.

Para Lemos (2002) deveríamos estar aberto às potencialidades das tecnologias da cibercultura e atentos às suas negatividades, compreendendo a vida como ela é e nos apoderando dos meios sócio-técnicos da cibercultura. Para ele, “[...] a cibercultura forma-se da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos” (LEMOS, 2002, p. 93) Tal fato demonstra a importância de problematizar, refletir e partilhar a convergência formada a partir dos pressupostos da cibercultura.

2. METODOLOGIA

A fim de compreender a proposta deste trabalho, apresentamos abaixo, o tipo de pesquisa e o detalhamento do procedimento de coleta e análise dos dados utilizados pelas pesquisadoras.

2.1. Tipo e contexto da pesquisa

Considera-se relevante explicar a abordagem metodológica da pesquisa e os instrumentos de coletas de dados que foram utilizados. É uma pesquisa qualitativa que tem como características dados descritivos, inserção direta do pesquisador no ambiente pesquisado, sempre considerando a perspectiva dos participantes, com foco no processo e não no produto, valorizando o ambiente natural que oferece os dados e o pesquisador como principais instrumentos de investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1982). Utilizaremos questionários, entrevistas e narrativas para a produção de dados. É fundamental ressaltar que a presença de números e gráficos neste trabalho não descaracteriza a pesquisa qualitativa e nem a torna uma



pesquisa mista, pois uma das características de estudos de cunho qualitativos é a primazia da compreensão como princípio do conhecimento, que prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis (FLICK, 2000).

A pesquisa adota a abordagem qualitativa, a qual “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21). Os fenômenos elencados pela autora representam parte da realidade social. Ressaltamos que o ser humano se distingue pelas ações e pela reflexão dessas a partir de um determinado contexto vivido e partilhado com outros indivíduos. Minayo (2012) divide o processo da pesquisa com abordagem qualitativa em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. Na fase exploratória, o pesquisador elabora o projeto de pesquisa, com todos os procedimentos necessários para preparar a entrada de campo.

No trabalho de campo, o pesquisador leva para a prática empírica, a teoria elaborada na fase exploratória. Na etapa de análise e tratamento do material empírico e documental, têm-se um “[...] conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo” (MINAYO, 2012, p. 21-22).

Assim, para atender aos objetivos propostos, realizamos, em uma instituição de Ensino Superior privada (IESP) na cidade de Campo Grande/MS, questionários no contexto virtual com os estudantes dos cursos de Licenciaturas. O questionário, segundo Gil (1994), é a forma mais usada para coletar dados. É uma relação de perguntas que o entrevistado responde sozinho, assinalando ou escrevendo as respostas.

Solicitamos a autorização para a coleta de dados por parte de todos os participantes, salientando a manutenção do anonimato de cada um. Além disso, estabeleceremos o compromisso de socializar tudo aquilo que for produzido, no sentido dos participantes sentirem-se envolvidos com a pesquisa e pertencentes no desenvolvimento do projeto.



3. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Para a realização da análise fez-se necessário uma coleta de dados por meio dos questionários realizados com os alunos da instituição em questão. De acordo com o cronograma da pesquisa, a aplicação dos questionários estava prevista para os três últimos meses do ano de 2016. Entretanto, a aplicação desse instrumento necessitou de permissão interna, visto que a proposta inicial era enviá-lo pelo Sistema Integrado de Informações Acadêmicas (SIIA) desta instituição de ensino. Tal permissão foi aprovada após, aproximadamente, 02 meses e meio, fato que sucedeu o atraso no levantamento de dados dos sujeitos da pesquisa. Sendo assim, fez-se a aplicação dos questionários no início do ano letivo de 2017.

Na segunda semana após o início do ano letivo de 2017, aproveitou-se que os graduandos das licenciaturas da universidade cursavam juntos a disciplina de “Linguagens e Tecnologias: Práticas Docentes” e os convidamos para realizar um breve diálogo sobre a pesquisa em questão e para participar do desenvolvimento dela. Os estudantes que se voluntariaram a participar escreveram o e-mail em uma lista para que o envio do link do questionário pudesse ser realizado. O link foi encaminhado para 30 participantes e 11 deles participaram.

Com a intenção de ampliar os sujeitos da pesquisa, fizemos um segundo contato com os responsáveis pelo envio de materiais pelo SIIA da instituição. Desta vez, conseguimos a autorização para disponibilizar nosso instrumento por meio da plataforma mencionada. O questionário foi respondido durante o mês março a julho no site da universidade em foco. Conseguimos a participação de 285 discentes de aproximadamente 34 cursos distintos. Devido a essa circunstância, esse trabalho priorizou a análise apenas dos questionários, pois o projeto ao qual essa pesquisa está vinculada ainda está em andamento, deixando abertura para a continuação das investigações sobre a temática a partir de outros instrumentos de coleta de dados.

Para atender aos objetivos específicos desta pesquisa, restringimos a análise dos dados para os cursos de licenciaturas dessa IESP, ou seja, levamos em consideração os participantes



dos cursos de Letras, Pedagogia, Ciências Biológicas, Filosofia, História e Educação Física. Em razão disso, analisamos neste artigo a participação de 32 discentes respondentes.

O questionário dos estudantes contou com duas seções, as quais foram desenvolvidas e adaptadas com base na pesquisa com professores sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (TIC Educação, 2014). A primeira seção, intitulada seção A, buscou identificar o perfil dos participantes; a segunda seção, intitulada seção B, preocupou-se com a identificação quais tecnologias fazem parte da vida do grupo de como elas são utilizadas. A seguir, apresentaremos os resultados parciais encontrados durante a pesquisa, pois estamos no primeiro ano dela, a qual tem duração de 03 anos.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

A partir das respostas dos participantes dos cursos de licenciaturas, foi possível identificar o perfil deles (dados pessoais, profissionais, educacionais, culturais). A maioria está na faixa etária dos 20 anos e 47% dos participantes têm de 21 a 35 anos. A cor ou raça/etnia, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, variou entre cor branca, representada por 35% dos participantes, cor parda, representada por 54% e cor preta, representada por 11%. Não foram verificados participantes da cor amarela e raça/etnia indígena dentre respondentes dos cursos de licenciatura. Entretanto, ao consideramos todos os 34 cursos citados pelo questionário, 3,6% dos participantes auto se declaram da cor amarela e da raça/etnia indígena, assim como representado na figura 01. Vale salientar que utilizamos tais categorias apenas como critério de identificação do perfil dos sujeitos e não com intuito de segregação.



A1c - Cor ou raça/etnia (IBGE 2000)

285 respostas

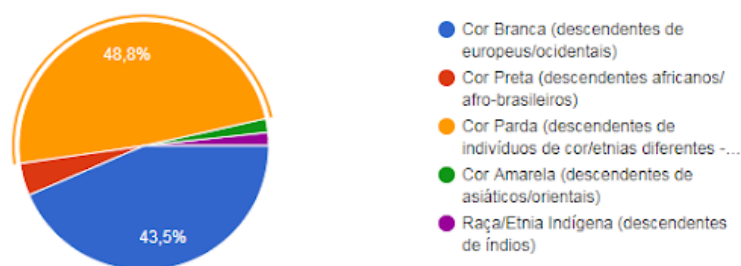


Figura 01 – Cor ou raça dos 285 participantes conforme IBGE 2000.

Identificamos também qual é o curso de licenciatura de cada respondente. Cerca de 28% dos participantes são do curso de Letras, 22% do curso de Ciências Biológicas, 19% são do curso de Educação Física, 16% são do curso de Filosofia, 09% são do curso de Pedagogia e 06% são do curso de História.

Após a identificação do perfil dos sujeitos de pesquisa, procuramos entender como as TIC são utilizadas (ou não) por eles em diferentes contextos, por exemplo, em casa, na escola – a qual entendemos neste artigo por universidade –, para lazer ou com fins educacionais. Na primeira seção sobre as informações das TIC, questionamos qual o local de uso do computador para a realização das atividades descritas na tabela abaixo.

Tabela 1 – Atividades realizadas por meio de computadores

Perguntas	Legenda
Falar com professor pela Internet	A1
Participar de cursos a distância	B1
Fazer tarefas que o professor passa	C1
Fazer projetos ou trabalhos sobre um tema	D1
Fazer pesquisa para a universidade	E1
Jogar	F1

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Trabalhos em grupo	G1
Fazer apresentações para seus colegas de classe	H1
Aprender com o professor a usar computador e a Internet	I1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os respondentes marcaram qual o local que eles realizam cada uma das atividades descritas na tabela 01, isto é, se eles a realizam em casa, na universidade ou em outro local. Notamos que as atividades C1, D1 e E1 são realizadas em sua maioria em casa. Ao analisarmos a realização das mesmas atividades na universidade, notamos nenhum dos 32 respondentes usam o computador para fazer tarefas que o professor passa (C1), um pouco mais de 5 utilizam esse recurso para fazer projetos ou trabalhos sobre um tema (D1) ou fazer pesquisa para a universidade (E1), conforme apresentado na figura 02. Tal fato pode demonstrar que a cultura digital nesta instituição de ensino ainda é pouco explorada e mais presente no ambiente da casa.

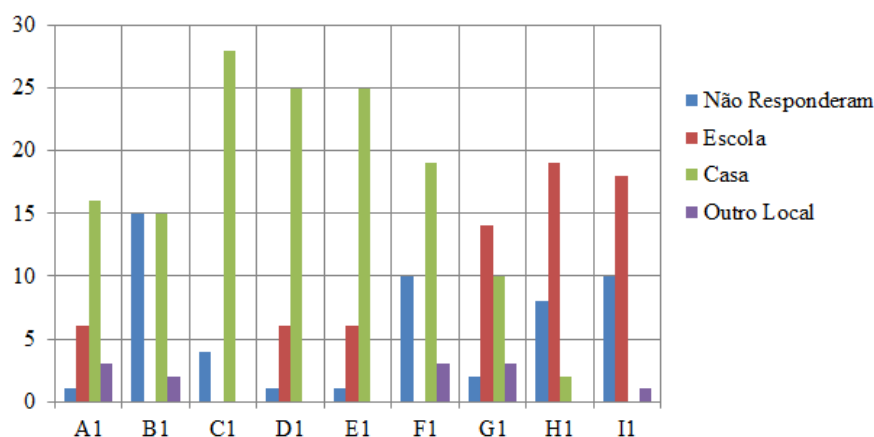


Figura 02 – Local do uso do computador nas atividades realizadas.

Na sequência, mostramos as atividades realizadas por meio do celular. Elas podem ser desenvolvidas em casa, na universidade ou em outro local.

Tabela 2 – Atividades realizadas por meio de celulares.



Perguntas	Legenda
Falar com professor pela Internet	A2
Participar de cursos a distância	B2
Fazer pesquisa para a universidade	C2
Jogar	D2
Trabalhos em grupo	E2
Participar das redes sociais	F2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como o local do uso dos computadores, os alunos selecionaram o local de uso do celular para realizar as atividades descritas na tabela 2. A partir das respostas, notamos que poucos utilizam o celular para participar de redes sociais (F2) na universidade, conforme apresentado na figura 3.

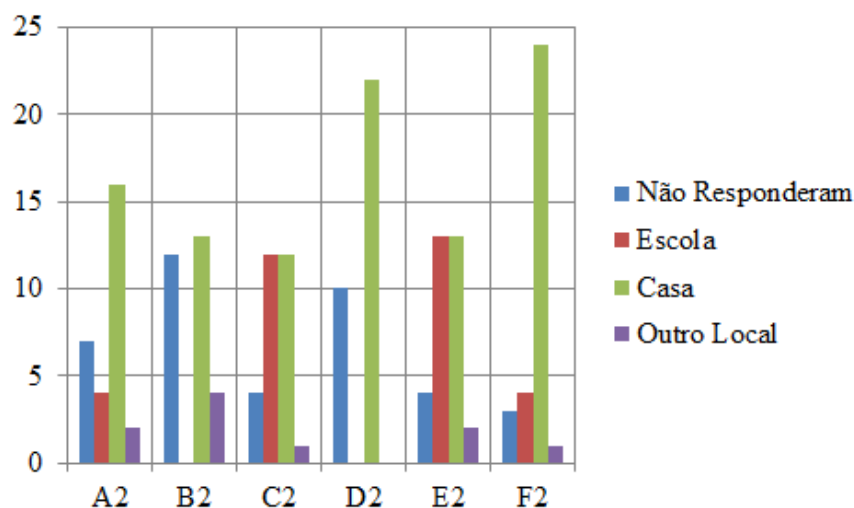


Figura 03 – Local do uso do celular nas atividades realizadas.

Esse dado pode inferir que a visão de rede social ainda é restrita a entretenimento pelos discentes. Porém, sabemos que as redes sociais já são utilizadas no contexto educacional e muitas vezes cabe ao professor compartilhar esse olhar com os alunos. Nesse sentido, afirma Duarte Jr (2008):



A tecnologia digital oferece todas as possibilidades já exploradas na imprensa escrita, no rádio e na televisão, com duas vantagens: a velocidade e a interação. O indivíduo não fica somente no papel de receptor passivo, há a possibilidade de escolha, há decisões a serem tomadas. (DUARTE JR, 2008, p.132).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar quem são os alunos e a relação que eles têm com a tecnologia e para que elas são utilizadas nos cursos de licenciaturas no contexto da Cibercultura. Para atender a esse objetivo, utilizamos como auxílio os referenciais teóricos escolhidos e a partir deles construiu-se uma análise qualitativa dos dados colhidos por meio da aplicação de questionários com discentes em uma instituição de ensino.

Ratifica-se assim, na atualidade, a extrema relevância em pesquisar a cultura digital estabelecida nos contextos diferenciados em uma universidade confessional no centro-oeste do Brasil, em especial, as situações que viabilizem identificar o perfil de alunos, descrever quais tecnologias fazem parte da vida e acadêmica deste grupo, identificar suas concepções relacionadas às tecnologias e à cultura digital, além de entender quais as tecnologias são utilizadas e implicadas no processo de formação.

Sendo assim, a proposta dessa pesquisa possibilitou novos questionamentos sobre a cultura digital nessa universidade, por exemplo, como fomentar a cibercultura no espaço da universidade voltada para o contexto educacional? Isso permite às pessoas que desejam trabalhar com essa temática construir novos caminhos e perspectivas teórico-metodológicas.

Por fim, lembramos que os resultados apresentados são parciais, visto que este trabalho está vinculado a um projeto em andamento. Logo, é possível que as ponderações feitas tomem novos rumos e ganhem significados distintos, pois tais respostas não estão acabadas, e dão abertura para uma segunda fase da pesquisa com instrumentos de produção de dados diferentes.



REFERÊNCIAS

Flick, U., von Kardorff, E. & Steinke, I. (Orgs.) (2000). Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick. [O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]. Em U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), **Qualitative Forschung: Ein Handbuch** [Pesquisa qualitativa - um manual] (pp. 13- 29). Reinbek: Rowohlt

KOZINETS, R. V. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. **Advances in Consumer Research**, v.25, p.366- 371, 1998.

LEMONS, André. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social Contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, SP: ed. 34, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 9-29, 2004.

PESSOA, Ana Paula Simões. Interatividades na rede social *Facebook* entre docentes em processo de formação continuada. **Revista Interações**, v. 12, 2 abril-junho 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v19i2.1620>

PRIMO, A. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**. n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. v. 1. 472.

SILVA, Marco. **Comunicação interativa e educação**. Teses de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Programa de Educação, 1999.

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. Porto Alegre: DOSSIÊ ABCiber. **Revista FAMECOS**, 2008. Nº 37. Disponível em <file:///C:/Users/Ana/Downloads/4802-15354-1-PB.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2016.



_____. **Que é interatividade.** Rio de Janeiro: Editora Senac, 1998.